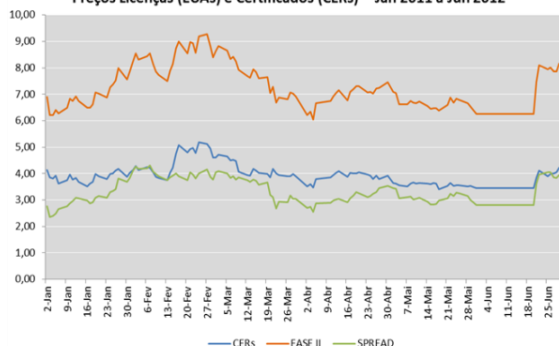


Preços Licenças (EUAs) e Certificados (CERs) - Jan 2011 a Jun 2012



valores em €	30-Jun	MoM	%
EUA Spot	8,17	1,91	30,5%
Fut 2012	8,28	1,92	30,2%
Fut 2013	8,78	2,00	29,5%
Fut 2014	9,36	2,07	28,4%
CERs Spot	4,23	0,77	22,3%

	30-Jun	%
UK Gas (GBP p/th)	55,70	2,9%
Carvão (API2 USD/t)	89,00	0,6%
Brent (USD/barrel)	97,80	-0,64%
Crude (USD/barrel)	84,96	2,2%
German Baseload	48,15	-0,93%

Mercados de CO₂

O mês de Junho foi essencialmente marcado pela suspensão do acesso aos registos nacionais por parte dos detentores de contas e a consequente suspensão de acesso às licenças de emissão aí depositadas, tendo sido reposta a normalidade no dia 20 com a entrada em funcionamento do Registo Único Europeu de Licenças de Emissão (RUELE). No entanto, com as novas regras e procedimentos de segurança muitos dos utilizadores estão ainda em processo de disponibilização dos elementos solicitados pelo RUELE por forma a garantir o acesso fidedigno às contas transferidas para o Registo Único. Pelos motivos explícitos, o volume de transacções de licenças de emissão de carbono foi bastante reduzido ao longo do mês. É de salientar a valorização destes activos após o reinício do período de transacções, com destaque para a subida de 30,5% no preço das EUA's e, ainda que menor, de 22,3% no preço das CERs. (cont. pág. 2)

O futuro que queremos soube a pouco

A marcar os 20 anos que se passaram da Conferência das Nações Unidas que resultou na marcante Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento, ocorreu de 20 a 22 de Junho a tão esperada Conferência Rio+20.

Durante o mês de Junho não passaram despercebidos os esforços e movimentos em torno dos preparativos da Rio+20. Das conversas de corredor ao lugar cativo nas páginas dos jornais, esteve sempre em destaque o que se iria passar no Rio de Janeiro. (cont. pág. 2)

Pensar o futuro com a adaptação

A Ecoprogresso foi até ao deserto do Arizona nos Estados Unidos da América para estar presente na segunda conferência internacional sobre Adaptação às Alterações Climáticas, que decorreu em Tucson, entre os dias 29 e 31 de Maio.

Esta conferência foi co-organizada pela Universidade do Arizona e pelo "Programa de Investigação sobre Vulnerabilidade às Alterações Climáticas, Impactos e Adaptação" (Provia), que integra o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) e apresentou as linhas actuais de investigação aplicada em adaptação desenvolvidas mundialmente. (cont. pág.3 e 4)

Mercados de CO₂ (cont.)

Esta valorização prende-se em particular com o clima de optimismo gerado pelo recente anúncio por parte da CE de que no decorrer do corrente mês irão ser propostas medidas para atrasar a venda de 400 milhões a 1.2 mil milhões de licenças de carbono para suportar um eventual aumento de preços e, desta forma, servir de incentivo ao investimento em tecnologias de baixo carbono. A CE conta com o apoio do Chipre que assume a presidência da UE no mês de Julho e que diz querer ajudar os estados membros a chegarem a um acordo sobre as intervenções de curto prazo para sustentar os preços ao abrigo do Comércio Europeu de Licenças de Emissão.

O sentimento de optimismo observado nos últimos dias do mês esteve também correlacionado com a cimeira dos 27 estados membros da Zona Euro que se reuniram e concordaram em destinar 120 mil milhões de euros no estímulo da actividade económica e na criação de emprego. O valor destinado ao chamado Pacto de Crescimento e Emprego equivale a 1% do PIB da União Europeia. Em paralelo, desta cimeira saíram também outras decisões importantes relacionadas com a possibilidade de recapitalização da banca não ser contabilizada como dívida pública dos estados e de intervenções dos fundos de resgate para compra directa de dívida nos mercados.

Há ainda a assinalar a realização em Junho da conferência Rio+20 que resultou num misto de desilusão e missão cumprida. Efectivamente, este foi o sentimento generalizado no final do fórum sobre desenvolvimento sustentável já que os chefes de estado e ministros acordaram em ser signatários de um documento para dar impulso a um mundo que cresça sem destruir o planeta sem no entanto se terem comprometido com novas metas internacionais vinculativas. O documento "O futuro que queremos" lança novos processos negociais em temas como a protecção dos oceanos, a criação de objectivos globais para a sustentabilidade ou o reforço do financiamento aos países em desenvolvimento.

O Barclays divulgou mais um relatório em que recomenda a venda das EUAs ao preço actual (média de €8,00) já que os analistas argumentam que sem uma intervenção no mercado o preço das licenças de carbono poderá retomar ao nível dos €6,00. A casa de *research* refere que com a crise da dívida na zona euro e a redução da produção industrial em 3,4% em 2012, o preço das EUAs poderá retroceder para mínimos históricos caso a CE não actue.

Paralelamente os analistas da Thomson Reuters Point Carbon cortaram na previsão de preço médio das CERs para a fase III, para o valor de €3,31, uma queda de 59% face à previsão anterior, referindo como justificação um excesso de oferta crescente e a perspectiva de deterioração da economia da UE.

Maria João Ramos

Comunicação

mramos@ecoprogresso.pt

O futuro que queremos soube a pouco (cont.)

Os temas principais da Conferência focavam-se na economia verde num contexto de desenvolvimento sustentável e na própria definição de um quadro institucional do desenvolvimento sustentável. Algumas das áreas prioritárias eram a erradicação da pobreza, energia, água, a segurança alimentar, a agricultura sustentável e os oceanos e as alterações climáticas.

O resultado concentrou-se no documento adoptado pelos Chefes de Estado e Ministros intitulado "O futuro que queremos", o qual reforça antigos compromissos, mas peca pela ausência de objectivos concretos e metas vinculativas.

No final da conferência a decepção foi manifestada por muitos e, como esperado, foram apresentadas duras críticas por parte das ONG, não ficando de fora a Quercus, cuja manifestação de desagrado foi revelada por um dos representantes, Francisco Ferreira.

A contrastar, uma visão mais optimista foi revelada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas Ban Ki-moon que na sua declaração publicada no site das Nações Unidas referiu que "a Rio+20 foi um sucesso", considerando que O Futuro que Nós Queremos é uma base sólida para construir um desenvolvimento sustentável.

Mais contidas foram as declarações da Ministra Assunção Cristas que revelou não ter sido alcançada a ambição desejada mas que o documento final inclui compromissos que constituem avanços claros.

E assim passou a Rio+20, da azáfama inicial pouco restou no final dos três dias de conferência.

Catarina Vazão

Directora Geral

cvazao@ecoprogresso.pt



Pensar o futuro com a adaptação (cont.)



Estiveram presentes mais de 700 participantes oriundos de cerca de 60 países diferentes com mais de 450 apresentações. Desde cientistas a alunos, organizações não-governamentais, decisores políticos e até os que exercem actividades mais práticas no terreno, os profissionais presentes representaram a perspectiva quer dos países desenvolvidos como em desenvolvimento sobre a forma como nos podemos adaptar às alterações climáticas em todo o mundo, quais os diferentes papéis e quais os principais desafios e oportunidades.



As duas sessões plenárias por dia, 80 sessões paralelas e 3 sessões de *posters* permitiram aprofundar diversos temas como: equidade e risco, comunicação, o processo de aprendizagem e construção de capacidade adaptativa, a capacitação da sociedade e instituições, as metodologias e ferramentas, os estudos de custo-benefício, as prioridades de financiamento e investimento em adaptação e ainda o foco na prática da adaptação baseada nos ecossistemas e nas comunidades,

Regiões como a União Europeia e mesmo os Estados Unidos, que, mesmo assim ainda têm tempo de preparação, demonstraram uma abordagem mais teórica: estudando os impactes, a forma de lidar com a incerteza, elaborando metodologias e estratégias de adaptação.

Outras regiões como a Austrália, alguns países asiáticos e africanos, onde os impactos climáticos extremos são já mais sentidos, demonstraram abordagens mais práticas: com soluções já implementadas no terreno, realçando as boas práticas mas também os problemas que surgem, no envolvimento e afectação do sector privado, como monitorizar o sucesso ou os limites da construção de resiliência no seu processo de adaptação.

Tornou-se evidente que, consoante o grau de vulnerabilidade de cada região ou actividade, é cada vez mais importante desenvolver e assumir uma estratégia de adaptação, quer seja mais focada na preparação ou na acção, mas sempre numa óptica de gestão do risco e de oportunidades. Num contexto de incerteza só assim podemos ter alguma sensação de controlo no nosso futuro. Como o especialista Dr. Mark Howden nos lembrou, usufruir dos maiores benefícios da adaptação envolve adoptar soluções com uma complexidade, custo e também risco crescente. Uma gestão adaptativa deve permitir reconhecer quando basta uma acção simples (como alterar a variedade de uma cultura agrícola), quando precisamos de uma abordagem mais sistémica e resiliente (como diversificar a produção), ou então uma mudança mais transformacional e potencialmente disruptiva (como termos de relocalizar a actividade).

Para além da partilha de experiências, esta conferência promoveu uma reflexão profunda sobre o papel do cientista (informar e suportar a tomada de decisão, não tomá-la), o papel do sector privado (catalisador, promotor e decisor), o papel das políticas públicas (nos seus diversos níveis!), e a importância de complementar a teoria com a prática.

Os principais desafios que resultaram desta conferência foram:

- Desenvolver uma forma de cooperação e aprendizagem conjunta entre o meio académico e os que implementam a adaptação no terreno;
- Lidar com a natureza multidisciplinar da ciência da adaptação;
- Promoção da co-produção do conhecimento trabalhando com comunidades de países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Por um lado é necessário estudar as relações destas questões complexas, mas também é importante estudar as soluções que funcionam melhor. Para isso é necessária uma colaboração multidisciplinar para começar já a desenvolver uma capacidade adaptativa e flexível!

Pensar o futuro com a adaptação(cont.)



Os resultados dos diversos dias de trabalho foram incorporados no lançamento de uma nova plataforma global de Investigação em Sustentabilidade na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento sustentável que se realizou um mês mais tarde no Rio de Janeiro - Rio+20. Intitulada Future earth¹, esta iniciativa, que irá durar 10 anos, pretende estabelecer a ponte entre a ciência e a política, como se um contrato se tratasse, visando promover uma resposta multidisciplinar para problemas complexos. É uma colaboração científica para unir os cientistas de todo o mundo com o objectivo de enfrentar os desafios ambientais actuais numa colaboração mais focada nos utilizadores da investigação produzida para responder aos desafios ambientais.



A próxima conferência será realizada daqui a dois anos em Fortaleza no Brasil.

1- <http://www.icsu.org/future-earth/> Plataforma Global – Future Earth
 Programa da conferência disponível em: <http://www.adaptation.arizona.edu/adaptation2012/>

Ana Martins
 Coordenadora
amartins@ecoprogresso.pt

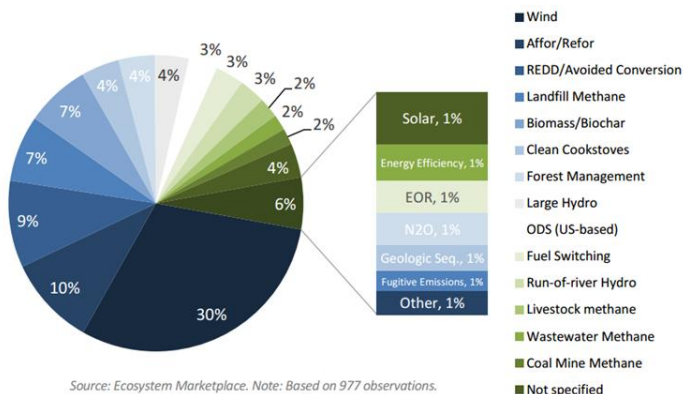
Mercado voluntário mostra resiliência, apesar da crise

No passado mês de Maio, foi dado a conhecer na Carbon Expo em Colónia, mais um relatório sobre a análise do comportamento do mercado voluntário de carbono em 2011. Este relatório, resultante da parceria entre a Ecosystem Marketplace e a Bloomberg New Energy Finance, analisa os volumes transaccionados, os preços dos créditos, os tipos de projectos, a sua localização bem como as motivações dos compradores que, não tendo qualquer obrigação legal de o fazer, adquirem créditos no mercado de carbono. Este estudo contou com a participação de 312 fornecedores de créditos, sete bolsas e os principais registos de créditos mundiais, entre eles a Ecoprogresso.

Em 2011, o mercado voluntário mostrou resiliência, registando o segundo maior volume de transacções e de valor transaccionado desde 2006. Estes resultados verificaram-se devido ao aumento do volume de negócios por parte da Europa, embora a um preço menor, que, no entanto, foi compensado com as transacções por parte dos EUA e dos países emergentes.

Registou-se em 2011 um volume de transacções de 95 MtCO₂e, tendo associado um valor total de cerca de 500 milhões de euros. O preço médio de um crédito para fins voluntários situou-se nos 6,20€, vinte centimos acima do valor de 2010. Os preços de mercado variaram entre 0,1€ e 100€ por tonelada, sendo os créditos recém-emitados referentes a projectos altamente carismáticos, projectos de programas nacionais domésticos que têm surgido e créditos elegíveis para cumprimento legal no futuro, os créditos mais caros.

Os créditos referentes a projectos de energias renováveis foram os mais transaccionados, cerca de 45% do total de créditos, devido à procura de créditos de baixo valor e tendo em conta a elevada disponibilidade dos mesmos no mercado.



Source: Ecosystem Marketplace. Note: Based on 977 observations.

Figura 1 - Cota de mercado, por tipo de projecto.

Mercado voluntário mostra resiliência, apesar da crise (cont.)

Em 2011 os projectos relacionados com as florestas foram os segundos mais transaccionados, seguidos pelos projectos de captura de metano e os projectos relacionados com o uso de biomassa.

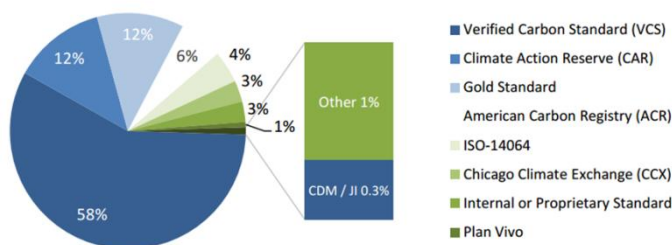
Relativamente à origem dos projectos, em 2011 surgiram mais 16 países comparativamente com 2010, totalizando 61 países que geraram créditos de carbono para o mercado voluntário. A zona que gerou mais créditos transaccionados foi a América do Norte, com cerca de 37% do volume global, seguida da Ásia. Em terceiro lugar aparece a África, ultrapassando em 2011 a América Latina em volume de créditos negociados. Este resultado reflecte o aumento de créditos gerados em África, em consequência do aumento de procura dos mesmos e em linha com a procura generalizada de créditos focados no desenvolvimento sustentável, na melhoria da saúde pública, na protecção da biodiversidade e na promoção do emprego local.

Os créditos desenvolvidos segundo *standards* de terceiros, ao invés de internos dos próprios países, foram os mais transaccionados, com uma quota de mercado de 98%. Este tipo de *standards* têm vindo a desenvolver novas ferramentas e a adaptar-se aos novos tipos de projectos, conferindo ao mercado margem de crescimento. Dando continuidade a uma sequência de 5 anos no topo, os créditos certificados pelo *Verified Carbon Standard* totalizaram 58% do total de créditos transaccionados em 2011, seguidos pelos créditos do *Climate Action Reserve* com 12% do total. Os créditos *Gold Standard* foram os terceiros mais transaccionados em volume.

Em 2011, 81% do volume de créditos negociados foram adquiridos por compradores voluntários, sendo que 53% do volume total foram para anulação imediata. Da maioria dos créditos transaccionados por empresas, 54% tiveram como principal objectivo a utilização no âmbito da Responsabilidade Social, na comunicação externa e em *branding*.

Os restantes foram para revenda (22%), antecipação de regulação directa (12%) e utilização na cadeia de valor (3%). A maioria dos compradores provém da Europa, cerca de 47%, seguido por compradores da América do Norte, cerca de 41%. Compradores da Oceânia, Ásia, América Latina e África somam 11% do total.

Face ao verificado até 2011, as expectativas futuras da globalidade dos intervenientes neste mercado são de crescimento. As previsões variam entre as mais conservadoras, as quais apontam para uma estabilização do mercado, e para as mais arrojadas, sendo que estas apontam para um crescimento do volume transaccionado na ordem dos 70%.



Source: Ecosystem Marketplace. Note: Based on 946 observations.

Figura 2 – Quota de mercado, por tipo de standard de terceiros.

Em suma, a crise mundial não parece ter afectado o mercado voluntário de créditos de carbono tal como era expectável, tendo registado o segundo maior volume e o segundo valor global transaccionado desde 2006. Os projectos disponíveis são cada vez mais diversificados, correspondendo à exigência do mercado por projectos mais completos e oriundos de novas localizações. A acompanhar esta tendência, os *standards* têm evoluído de forma a permitir o crescimento deste mercado de forma credível.

Ref: Developing dimension – State of the Voluntary Carbon Markets

Link para o documento: http://www.forest-trends.org/documents/files/doc_3164.pdf

Ivo Augusto

Consultor

iaugusto@ecoprogresso.pt

Aeroportos da ANA renovam Acreditação de Carbono do ACI

A Ecoprogresso congratula a ANA Aeroportos de Portugal, pela renovação da acreditação de carbono dos sete aeroportos sob a sua gestão, no nível "Mapeamento", no final de Maio deste ano.

A Acreditação Aeroportuária de Carbono é um programa padrão Europeu de emissões de carbono para os Aeroportos. O programa, uma iniciativa do ACI Europe (Airports Council International), avalia e reconhece os esforços dos Aeroportos para gerir e reduzir as suas emissões de carbono com quatro níveis de reconhecimento: "Mapeamento", "Redução", "Optimização" e "Neutralidade".

Aeroportos da ANA renovam Acreditação de Carbono do ACI (cont.)



A acreditação ao nível do “Mapeamento”, é o reconhecimento do trabalho conjunto da ANA Aeroportos de Portugal e da Ecoprogresso na implementação de uma estratégia de mapeamento de todas as fontes de emissões de CO₂ que estão sob o seu controlo directo e indirecto, que vem sendo desenvolvida desde 2008. A estratégia definida na Política de Ambiente da ANA Aeroportos apresenta objectivos concretos e pretende ir ainda mais longe que a simples monitorização das emissões de carbono, desenvolvendo e implementando um plano para gestão e redução das emissões de gases com efeito de estufa. De acordo com o ACI, a ANA Aeroportos mantém-se como o maior gestor aeroportuário da Europa a acreditar os aeroportos sob a sua gestão, nomeadamente, os aeroportos de Lisboa, Porto, Faro, Ponta Delgada, Horta, Santa Maria e Flores¹.

Os 59 aeroportos europeus acreditados representam mais de 50% do tráfego de passageiros na Europa e 17% do tráfego mundial de passageiros. Este ano o programa contou com mais 18 aeroportos Europeus a juntarem-se ao Programa, relativamente a 2010, 5 aeroportos subiram de nível, 35 mantiveram-se e apenas um baixou. Em 2011, e pela primeira vez, ocorreu a acreditação de 4 aeroportos do continente asiático².

Entre os aeroportos acreditados estão por exemplo o aeroporto de Barcelona, Abu Dhabi, Mumbai e Singapura no nível de Mapeamento, os Aeroportos de Paris - Charles de Gaulle e Orly no nível de Redução, o aeroporto de Roma no nível de Optimização e os aeroportos de Estocolmo – Arlanda e Bromma no nível de Neutralidade². Estes são exemplos de alguns dos que percorrem o caminho do baixo carbono até ao último estádio da responsabilidade climática.

A Ecoprogresso congratula o excelente trabalho desenvolvido em conjunto neste projecto de carbono que revela o empenho da ANA Aeroportos de Portugal.

1- <http://www.cargoedicoes.pt/site/Default.aspx?tabid=380&id=7725&area=Cargo>

2 – ACI. 2012. Relatório Anual 2011-2012. Airport Carbon Accreditation

Fonte da imagem : @<http://www.ana.pt/portal/page/portal/ANA/>

Ana Martins
Coordenadora
amartins@ecoprogresso.pt

NOTA: Os textos desta *newsletter* não foram escritos de acordo com o novo acordo ortográfico.

A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
mramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210



Para Trading de Licenças contacte:

Front Office
frontoffice@ecotrade.pt
T +351 217 981 212